

PROCESSOS FORMADORES DE ARTESÃS: UM ESTUDO DA REALIDADE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (BRASIL), EM DIÁLOGO COM A PROVÍNCIA DE SANTA FE (ARGENTINA).

Eixo Educación Comparada: Teoría y metodología

Profª Drª Edla Eggert¹

Programa de Pós-Graduação em Educação – UNISINOS, RS, Brasil

Profª Drª Aline Lemos da Cunha²

Faculdade de Educação – UFRGS, RS, Brasil

Resumo

Analizamos processos formadores de artesãs no Estado do Rio Grande do Sul (Brasil) e na Província de Santa Fe (Argentina). Nosso estudo deseja dialogar com as experiências de formação artesã, brasileira e argentina, analisando similaridades nas estratégias de aprendizagem dos modos de fazer artesanato por meio de processos educativos não-formais e como esse conhecimento é ou não reconhecido pelas próprias artesãs, até mesmo na possibilidade (ou não) de ser percebido como prática profissional. Desejamos estabelecer conexões e intercâmbios no que se refere aos processos metodológicos de grupos de artesanato no Mercosul e sua possível relação com a problemática da Educação de Adultos na América Latina, sobretudo nos dois países citados. Desde 2007, vem sendo realizados, com mulheres artesãs brasileiras e argentinas, grupos de discussão por meio da orientação de Bohnsack (2007) e Weller (2006), inseridos numa compreensão metodológica da pesquisa participante. Durante os encontros, nos dois países, foi possível perceber o lugar referencial ocupado pelo grupo de artesanato no cotidiano destas mulheres, bem como a possibilidade de gerar conhecimento válido para a efetivação de seus projetos de vida. Também, a metodologia adotada pela professora de artesanato pode ser percebida como possibilidade tensionadora das práticas em turmas de Educação de Adultos. Concluímos que este trabalho trouxe a possibilidade de promover um diálogo fecundo entre práticas escolares e não-escolares na Educação de Adultos numa perspectiva de Educação Popular, na problematização dos currículos desta modalidade de ensino e nos estudos comparativos em Educação na América Latina.

Educação de Adultos. Educação Popular. Formação Profissional. Mulheres. Trabalho Manual.

Introdução

Esse trabalho tem por objetivo apresentar um início de estudo comparado entre duas experiências de ensino e aprendizagem de trabalho manual no campo do artesanato. Uma experiência no Brasil, localizada no município de Alvorada, região da grande Porto Alegre em que há um grupo de tecelagem; e outra experiência na cidade de Capitán Bermúdez, Província de Santa Fe, Argentina em um “taller de manualidades” no Centro Ecumênico Poriajhu, localizado no Bairro Copello desta cidade. Nossa ideia é apresentar os dois contextos e trazer algumas questões para introduzir a perspectiva investigativa no campo das aprendizagens a partir do trabalho

¹ Pesquisadora CNPq nível 2. A pesquisa da docente tem financiamento com base no projeto da bolsa produtividade e no projeto aprovado no Edital de Gênero do CNPq de 2008.

² A docente teve bolsa do CNPq para o doutorado e bolsa CAPES para fazer o doutorado sanduíche [PPDE] em Rosário, AR.

manual voltado para práticas do artesanato. Pretendemos estabelecer alguns eixos metodológicos para possíveis estudos entre lugares como os de Alvorada e de Capitán Bermúdez.

Aproximações entre as artesãs pesquisadas com base nos grupos de discussão

Como forma de coleta das informações, realizamos observações participantes e buscamos o referencial dos grupos de discussão (WELLER, 2006, GASKELL, 2002). Entendemos que, para nossa realidade, essas matrizes metodológicas encontram-se na pesquisa participante (BRANDÃO e STRECK, 2006).

Segundo Gaskell (2002, p. 65) “a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa”. Os “mundos da vida” aproximam-se do que Freire destaca ao se referir às “leituras do mundo”. Nesta perspectiva, “ninguém lê o mundo isolado” (PASSOS, 2008, p. 241) sendo que existem “tantos mundos quanto leituras possíveis dele” (PASSOS, 2008, p.242). Relacionado aos “mundos da vida” está o que Wivian Weller (2002; 2003) destaca a partir de Karl Mannheim sobre a “visão de mundo”, que segundo ele (1980, p.101 apud WELLER, 2003, p. 2) é “uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que por sua vez constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos”. O que denota, mais aproximadamente, o que Freire chama de “leitura do mundo”. Ainda referindo-se a esta questão, Weller salienta que

[...] não podemos confundir *visões de mundo* com *imagens de mundo* ou com algo que tenha sido pensado ou produzido teoricamente: as visões de mundo são construídas a partir das ações práticas e pertencem ao campo que Mannheim definiu como sendo o conhecimento ateórico. (2003, p.2)

Por meio da leitura pormenorizada e sistemática de quem pesquisa, garante-se um importante subsídio para a continuidade dos processos de consolidação e emancipação dos diversos grupos sociais, que já são protagonizados por estes. Tomando como referência o uso dos termos “visão” e “imagem” podemos compreender que aquela está vinculada a um olhar, uma percepção, um modo de conceber, enquanto que esta carrega todos estes significantes acrescidos da sistematização teórica e crítica daquilo que é visto e admirado, pois como diz Weller,

[...] o grupo envolvido geralmente não está em condições de realizar essa tarefa, ou seja; a explicitação teórica do conhecimento atóxico é praticamente impossível para o indivíduo ou grupo que está vinculado ao contexto no qual se construiu esse saber. O papel do pesquisador passa a ser, então, encontrar uma forma de acesso ao conhecimento implícito no grupo pesquisado, explicitá-lo e defini-lo teoricamente. (2003, p.2)

Com base em Gaskell, exploramos “o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (p. 68, 2002). E, ao longo das pesquisas houve um refinamento na forma de intervenção, pois em determinado momento, estava claro que o estudo transcorreria sobre o que apareceu como mais significativo para as mulheres nos dois grupos: aprender *manualidades* e conviver nos espaços onde isto ocorria.

Com o andar da pesquisa e as experiências no Brasil e na Argentina, foi percebido que o ensino de artesanato poderia compor, realmente, um foco interessante para a análise. Portanto, as análises foram baseadas nas formas de ensinar e aprender, buscando compor este cenário com os depoimentos das aprendentes, coletados em grupos de discussão.

Assim como no trabalho de Wivian Weller (2006) pensamos a respeito destes “grupos naturais”. O estudo realizado por esta pesquisadora, com jovens negros em São Paulo e jovens de origem turca em Berlim, sistematiza esta forma de intervenção chamada de “grupos de discussão”.

Nos grupos naturais, as pessoas interagem conjuntamente; elas podem partilhar um passado comum, ou ter um projeto futuro comum. Elas podem também ler os mesmos veículos de comunicação e ter interesses e valores mais ou menos semelhantes. Neste sentido, grupos naturais formam um meio social. (GASKELL, 2002, p. 69)

Os grupos de mulheres, na Argentina e no Brasil, podem ser reconhecidos como tais: na Argentina, foi possível perceber e vivenciar que estas mulheres tinham um espaço através de Poriajhú, para pensar suas questões, ensinar e aprender. Além da oportunidade de participar de um *taller de manualidades*, estas mulheres puderiam ingressar em grupos de economia popular e solidária e, *del Trueque*³. Há, neste contexto, aparatos necessários para que as mulheres aprendam e continuem desenvolvendo seu trabalho. No Brasil, a medida em que interagíamos com o grupo, fomos criando condições de confiança para uma entrevista como a de um grupo de

³ Feira de troca de produtos com moeda específica.

discussão. Estabelecemos o trabalho de observação participante durante quase dois anos e no terceiro ano realizamos dois grupos de discussão.

A definição de “grupo real” apresentado por Weller, podemos considerar que todos os grupos tiveram sua gênese, no interior da própria comunidade ou com estímulo externo. Os grupos em questão podem apontar para as representações sociais das mulheres que vivem nas periferias urbanas, compondo, através dos diálogos que realizam uma linguagem e uma expressividade feminina em busca de emancipação. Dizemos isto já que mulheres argentinas e brasileiras, de alguma maneira, são perpassadas por experiências de racismo e segregação, oriundas de sua condição econômica e escolar, habitando as periferias das cidades (no contexto argentino, já foram dados passos em direção a esta utopia).

Acreditamos que os grupos de discussão são uma forma mais dialógica e interessante de realizar uma pesquisa como as que aqui foram propostas, pois “embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais” (GASKELL, 2002, p. 71). Sabemos que, em determinado momento, esgotaram-se as possibilidades de opiniões entre as mulheres que participaram das pesquisas, pois estas são frutos de suas vivências, em muito, semelhantes. Pudemos ainda constatar que estas opiniões foram consolidadas a partir de um *ethos* que se constituiu no interior de grupos de mulheres a partir dos condicionantes sociais e das contingências históricas, mas mesmo assim, por suas individualidades e peculiaridades, além dos diferentes conhecimentos que vêm demonstrando, percebemos que foi possível uma boa sistematização dos modos de ensinar e aprender, além de concepções sobre ambos.

Optamos pelos grupos de discussão, pois são próximos aos “círculos de cultura” descritos por Paulo Freire. Conforme Carlos Rodrigues Brandão (2008) quando Freire faz o questionamento ao modo “bancário” de educar, propõe círculos de cultura onde as pessoas possam partilhar, ao redor de uma roda de gentes, suas experiências e seus conhecimentos. Sendo assim, de forma visível, ninguém ocupa um lugar proeminente. Então, “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz (...)” (BRANDÃO, 2008, p. 77)

Por esta mesma via os grupos de discussão, surgidos na pesquisa social empírica realizada pelos integrantes da Escola de Frankfurt a partir dos anos 50, do século XX, “constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos” (WELLER, 2006, p. 246). Isso se dá

porque estes grupos “representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo” (WELLER, 2006, p. 247). Tal propósito é consolidado no momento que os grupos de discussão, não se constituem apenas como uma técnica para coleta de opiniões, mas como um método de pesquisa. Para que assim seja, Bohnsack (1999 apud WELLER, 2006, p. 244) salienta que,

é necessário que os processos interativos, discursivos e coletivos que estão por detrás das opiniões, das representações e dos significados elaborados pelos sujeitos sejam metodologicamente reconhecidos e analisados à luz de um modelo teórico ou, em outras palavras, quando interpretados com base em categorias metateóricas relacionadas a uma determinada tradição teórica e histórica.

Portanto, para proceder com as análises referentes às experiências vivenciadas nos grupos de discussão com as mulheres, buscamos elementos no que Bohnsack denominou “método documentário de interpretação”. Segundo Weller (2006, p. 246)

Bohnsack integra em seu método de interpretação de grupos de discussão tanto a perspectiva ‘interna’ – que visa reconstruir o modelo de orientação por meio do qual os integrantes do grupo interagem e verificar a emergência e a processualidade dos fenômenos interativos – como a perspectiva ‘externa’, voltada para a análise da representatividade desses fenômenos interativos em uma determinada *estrutura*.

O trabalho manual e a vivência de grupo em meio a uma pesquisa na área da Educação, instauram a percepção da simultaneidade entre a técnica do artesanato, o ensino e a aprendizagem, na intenção de aproximar lugares e experiências oriundas da não-formalidade (EGGERT, 2007; 2009) com a escola. Com isto, mesmo em diferentes grupos de mulheres, foi possível, através da observação participante e de algumas conversas mais pontuais, verificar a existência do que Cunha (2010) denomina de *pedagogias da não formalidade* que suspeitamos existir e nomear desse modo. Não consideramos que esta seja uma exclusividade de grupos formados por mulheres, porém, através das abordagens realizadas nestas pesquisas, pretendemos apontar para uma realidade peculiar destas mulheres, em específico, em seus processos de ensinar e aprender. Percebemos que os momentos de reunião, a partilha do conhecimento, a possibilidade de aprender e ensinar, a conclusão de uma peça, o encantamento com a beleza dos trabalhos gerou, além de possibilidades de sistematização de pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas na ação pesquisadora, momentos onde as

mulheres puderam (re)pensar seus papéis sociais e assim, como considera Freire (2006) “ser mais”.

Artesanato em “goma E.V.A.”⁴ em Capitán Bermúdez, (Sta Fe, Argentina) no Centro Ecumênico Poriajhu

Neste momento, gostaríamos de salientar alguns aspectos referentes ao contexto onde foi realizada a pesquisa empírica na Argentina: o Centro Ecumênico Poriajhu na cidade de Capitán Bermúdez (Província de Santa Fé, Argentina).

Como as grandes cidades brasileiras, Rosario cerca-se por diversos municípios que compõem a “Grande Rosario”. Capitán Bermúdez

En la actualidad ... cuenta con una población de 30.000 habitantes, una estructura sanitaria compuesta por el Hospital de la Comunidad Dr. Ricardo Barrionuevo, una red de dispensarios, clínicas y sanatorios privados, una red educativa de 22 escuelas que abarcan los niveles primario y secundario y especial, una feligresía católica de importancia y fuerte arraigo en la comunidad (existen tres parroquias, varias capillas) e importantes iglesias evangélicas. Cuenta la ciudad con varios clubes deportivos, una biblioteca pública y popular, decenas de pequeñas y medianas empresas y tres industrias (Celulosa Argentina, Porcelanas Faiart y Petroquímica Argentina) de importancia nacional.⁵

O Centro Ecumênico Poriajhu, atuando desde 1998 está localizado em um bairro periférico da cidade de Capitán Bermúdez chamado *Barrio Copello*. Este, foi se conformando da migração de famílias (neste caso descendentes de indígenas) vindas do norte argentino (fronteira com Paraguai e Bolívia). Aos poucos foi se convertendo em “refúgio de desocupados, desalojados, sustentados por planos de assistência”⁶. O Bairro Copello não conta com serviços básicos de saneamento (pavimentação, esgoto, postes de luz...), nem com escolas ou espaços de lazer. Através do *Centro Vecinal* (Associação de Bairro) puderam conquistar água potável, um posto de saúde e uma creche, sustentados por esta mesma associação. O referido Bairro vem sofrendo com o preconceito e a discriminação por parte dos moradores da cidade de Capitán Bermúdez. Às pessoas que vivem em *Copello*, são atribuídos todos os delitos ocorridos na cidade e,

⁴ No Brasil, chamamos E.V.A.

⁵ Conforme site da cidade: <http://www.capitanbermudez.gov.ar/reshistorica.html>

⁶ Extraído a partir da contextualização de um dos projetos do C. E. Poriajhu (tradução Aline Lemos Cunha).

por isso, até poucos anos, era muito difícil que pessoas de outros bairros pudessem “cruzar a via” para ir até lá.

Pela falta de estrutura do bairro e pela precariedade das casas de seus moradores, é alto o índice de doenças que afetam diretamente às crianças. As crianças de *Copello* não freqüentam a escola por diversos motivos: alguns abandonaram os estudos, outros vêm de lugares distantes (dificuldade de acesso) e outros ainda, em seus lugares de origem, nunca a freqüentaram, mantendo-se alijados dela.

Peculiar é que as mães se aproximem do C. E. Poriajhú, por suas preocupações com o tempo que os filhos estão na rua e as conseqüências desta permanência (drogas, violência). Apresenta-se, portanto, como uma demanda social, converter o tempo livre em ações educativas que envolvam crianças e jovens em atividades esportivas, artísticas, recreativas, de comunicação e produção de conhecimento, havendo interesse, por parte das famílias (ainda que mais focalizado nas mães) em acompanhar estes processos.

Partindo desta contextualização, o C. E. Poriajhú tem por objetivo desenvolver ações de promoção comunitária e social, entre os setores mais empobrecidos da comunidade de Capitán Bermúdez e arredores, favorecendo a articulação com igrejas e os setores público e privado. Para tais efeitos, parte de uma proposta que tem como eixo principal a formação para a participação e a inclusão social.

Reconhecem-se como parte de um processo que põe em jogo ferramentas para ajudar a produzir e “re-produzir” conhecimento, a partir e com o povo. Buscam, particularmente, a validação e valorização da cultura popular com foco no cotidiano e nos interesses de uma nação soberana e democrática, integrando a utopia pela libertação latino-americana. Manifestam este desejo a partir “da formação para a participação e a inclusão social” o que apontam como uma “educação para a libertação”. Buscam uma metodologia que possa promover um conhecimento coerente em conteúdo e forma, em estreita relação com a vida cotidiana da comunidade que se organiza e gera conhecimentos para a construção de *otro mundo posible*, de uma nova sociedade.

É possível ver o legado de Paulo Freire como base principalmente no que diz respeito a uma metodologia fundamentada em princípios de participação e protagonismo dos sujeitos envolvidos. Neste contexto, enquanto convivi com os militantes *poriajhuses*, pude vivenciar momentos de partilha muito significativos.

Em sua organização, Poriajhú possui fundamentos bastante visíveis da Teologia da Libertação e na religiosidade das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base): acolhida,

partilha, mística, reflexão-ação. Como princípio teológico-político, Freire também apontava para uma transcendência libertadora, base na qual se apóiam as ações dos referidos coletivos. A religiosidade, para Freire, deve estar presente já que a prática libertadora “não é lugar contra a religiosidade das classes populares ... e sim superar com ela a visão de um Deus a serviço dos fortes por um Deus ao lado de quem devem estar a justiça, a verdade, o amor” (FREIRE, 2006, p. 84). É um comungar. Uma forma de ver o mundo e fazer história.

O *Taller de Manualidades* para adultos (presença maciça feminina) no Centro Ecuménico Poriajhu, foi o grupo investigado na Argentina. Este grupo que se reunia regularmente, uma vez por semana, realizava trabalhos com E.V.A., papel cartão, papel corrugado e macramê. Estes encontros, por acontecerem em um Centro Ecumênico com forte influência dos pressupostos da Teologia da Libertação, oferecia esta oficina dentre outras para crianças, jovens e adultos, tendo como objetivo promover oportunidades emancipatórias para os participantes. A “*seño de manualidades*”, como era chamada pelas demais, diferente da brasileira, possuía uma larga trajetória como professora de artesanato e envolvimento com a Economia Solidária.

As artesãs em tecelagem de Alvorada, na região da grande Porto Alegre (RS, Brasil)

O município de Alvorada foi fundado em 1965 está situado na grande Porto Alegre, RS, e possui 208.812 mil habitantes (dados censo de 2008) e uma taxa de analfabetismo de 5,99% (dados de 2000)⁷. E, embora a taxa de desemprego tenha caído e as mulheres tenham conseguido um patamar mais amplo de trabalho com carteira assinada, as mulheres que trabalham no ateliê pesquisado compõe o perfil de trabalhos informais e precarizados.

A título introdutório, recorremos a alguns dados fornecidos pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, organizados juntamente com o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) e do Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB). Através destes dados constatamos que cerca de 80% do número total dos artesãos cadastrados são mulheres. Quase 90% do total moram em zona urbana, bem como realizam suas atividades na própria residência. Sendo que 52% dos artesãos e das artesãs recebem menos de um salário mínimo nacional, e 42%

⁷ http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Alvorada

recebem entre um a cinco salários. Dificilmente ultrapassam o valor de um salário mínimo. Grande parte do comércio dessa produção é feito na própria residência (49%), 22% em feiras, e 14% em ruas ou praças. Esses dados gerais podem ser relacionados com a experiência de produção das artesãs do município de Alvorada, RS. Nosso olhar está voltado para a produção que as mulheres realizam no ramo do artesanato e, nesse caso, na tecelagem artesanal. A Fundação de Economia e Estatística produz uma revista intitulada *Mulher e trabalho*, com dados e análises sobre as condições de trabalho das mulheres no estado do Rio Grande do Sul.⁸ Na edição atual *Informe mulher e trabalho* (2008) conferimos o que já encontramos nos dados nacionais, ou seja, que as mulheres, apesar de uma melhora no índice de empregos, seguem com o maior índice de desemprego em relação aos homens e seguem, com isso, com trabalhos que lhes deixam na esfera da invisibilidade/precariedade. Além desse aspecto, a cultura de manter e, de certa forma dominar a jornada de trabalho doméstico em seus lares faz com que as mulheres tenham menos condições de exercerem cargos, ou participarem ativamente de reuniões para organizarem cooperativas ou associações semelhantes que pudessem contribuir para reverter o quadro das precariedades.

Nas observações participantes e nos grupos de discussão que realizamos no ateliê desde o ano de 2007, pudemos observar o quanto as tecelãs têm se mantido nesse trabalho que é cooperativado, mas que, possui uma renda que se limita à faixa de um a cinco salários mínimos. Fomos analisando, com elas, o que as mantinham nesse trabalho e o que poderia ser qualificado e ampliado num esforço de pensar a trajetória delas como artesãs.

Constatamos que as tecelãs não terminaram seus estudos seja no ensino fundamental ou médio e por isso realizamos um levantamento do nível de escolaridade dos artesãos e artesãs e da existência de cursos técnicos em artesanato na modalidade PROEJA. Dos dados fornecidos pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior sobre o artesanato praticado no Brasil, mais da metade dos artesãos cadastrados são mulheres, cerca de 80% do número total. Carlos de Oliveira e Alípio Neto (2008) chamam a atenção para a pouca escolaridade dos artesãos e artesãs e a falta de preocupação deste item nos programas e ações voltados para o setor artesanal. Para Eli Bartra (2004) o artesanato é uma atividade praticada pelas pessoas mais pobres no mundo e é sabido também que dentre os mais pobres estão as mulheres. Ainda que em

⁸ http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_revistas_mulheretrabalho.php

alguns casos as mulheres já ultrapassem os homens em anos de estudo é necessário direcionar nosso olhar para as mulheres que trabalham com artesanato, em especial as mulheres das classes populares.

Realizamos uma busca nos sites eletrônicos dos Institutos Técnicos Federais para averiguar a existência de cursos técnicos de artesanato. Para o levantamento dos dados sobre o artesanato no RS consultamos os dados fornecidos na Casa do Artesão que é a instituição responsável pela organização do artesanato no Estado. Os dados foram encontrados em fichas de cadastramento da Casa do Artesão. Em relação ao levantamento realizado acerca da realidade do artesanato no RS podemos constatar que quase 80% de um número total de 74.146 artesãos cadastrados são mulheres. Os dados também apontam para uma soma de 52,33% do total que não tem ensino médio. No Brasil existe apenas um curso técnico de artesanato na modalidade de PROEJA que está situado no nordeste. Concluimos que falta parceria entre a escola e esse campo de atividade profissional formada majoritariamente por mulheres.

Considerações finais - por que estudar artesãs em dois países da América Latina?

A proposta que nos colocamos é de introduzir um estudo de realidades sobre a produção do artesanato feito por mulheres na região de Santa Fé, mais especificamente Capitán Bermúdez, (Sta Fe, Argentina) e por mulheres na região da grande Porto Alegre, município de Alvorada (RS, Brasil).

Suspeitamos que a formação técnica para as mulheres das classes populares ainda se limita a serviços que, em geral, mantêm a lógica da vida privada e do cuidado com os outros. E no caso de trabalhos como os de artesanato a idéia é que elas o fazem em espaços privados e, por isso recebem pouco ou nenhum estímulo para imaginar aprimoramento ou organização de gestão da produção. O fato é que também o artesanato compõe uma mistura eficaz de casa e trabalho invisível. Mistura eficaz de um discurso que, segundo Marcela Lagarde (2005), mantém a *servidão voluntária* dirigida para o mundo das mulheres. Ou ainda, o que Marcia Morais (2002, p. 24, 25), afirma: “historicamente, as mulheres têm participado no processo de sua própria opressão porque têm sido sistematicamente criadas para internalizar a idéia de desvalorização e de inferioridade, por acreditarem que são menos do que os homens, que têm menos

capacidade do que eles.” É sobre essa precariedade/invisibilidade que nos debruçamos tendo por base nas duas realidades de produção artesanal Argentina e Brasil.

Buscamos pensar a trajetória de aprendizagem das mulheres como artesãs. No atelier em Alvorada (Brasil), todas elas, atualmente são seis mulheres, aprenderam o ofício trabalhando no ateliê. Esse aspecto fez com que buscássemos inquirir sobre o aprendizado, se houve mudanças e quais seriam depois que passaram a trabalhar como tecelãs. Da mesma forma, em Poriáju, através da experiência no *Taller de Manualidades*, as mulheres ingressam na oportunidade de pensar sobre seu trabalho, mesmo que em um primeiro momento não obtenham remuneração pelo que produzem. Porém, estando em Poriáju e com a influência de outras mulheres com vivências significativas “*en el Trueque*” e na Economia Solidária, podem almejar geração de renda sob uma perspectiva humanizadora e emancipatória.

Referências Bibliográficas:

BARTRA, Eli (Org.). **Creatividad invisible**: mujeres y arte popular en América Latina y Caribe. Xochimilco: Universidade Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculos de Cultura. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.76-78.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, STRECK, Danilo R. **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida: SP, Idéias e Letras, 2006. 295p.

CUNHA, Aline Lemos da. **Histórias em Múltiplos Fios: o ensino de *manualidades* entre mulheres *negras* em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas**. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [2010].

EGGERT, Edla. Observações sobre pesquisa autobiográfica e concepções feministas: metodologias para refletir sobre a violência doméstica e a educação. In: MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.). **Rotas Críticas**: mulheres enfrentando a violência. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 83-96.

EGGERT, Edla __. **Narrar processos**: tramas da violência doméstica e possibilidades para a Educação. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. 88p.

FEE. Alvorada. Acessado 12.2.2010. Disponível em:
http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipioAlvorada

- FREIRE, Paulo. **Á sombra desta mangueira**. 8.ed. São Paulo: Olho D'água, 2006. 120p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 148p.
- GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In.: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5.ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002. p. 64-89.
- LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 4.ed., Ciudad del México: UNAM, 2005.
- MORAES, Márcia. **Ser humana: quando a mulher está em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- OLIVEIRA, Carlos Flaviano de; NETO, Alípio Ramos Veiga. A negociação do artesanato nordestino nos mercados internacionais. In.: **Revista Alcance – Eletrônica**, v. 15, nº 03. ISSN 1983-716X, UNIVALI, p. 291 – 305, set/dez. 2008.
- PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do Mundo. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.240-242.
- PED. Relação família e trabalho na perspectiva de gênero: a inserção de chefes e cônjuges no mercado de trabalho. Acessado em 10.02.2009, disponível no site: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_revistas_mulheretrabalho.php
- WELLER, Wivian, et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: Uma forma de análise das visões de mundo. **Estado e Sociedade**. Revista do Departamento de Sociologia da UnB, v. XVII, n. 02 [Inovações no Campo da Metodologia das Ciências Sociais], p. 375-396, Jul./Dez. 2002.
- WELLER, Wivian. “Hip hop” em São Paulo e Berlim: orientações político-culturais de jovens negros e jovens de origem turca. In.: **II SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS – IDENTIDADE, DIFERENÇAS E MEDIAÇÕES**, 8 a 11 de abril de 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis, 2003b. CD.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 107-126, janeiro-abril/2005.
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teóricometodológicos e análise de uma experiência com o mé todo. In.: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.